

JANET

Autora do Top 5 Mundial ★ 75 Milhões de Livros Vendidos

EVANOVICH

Stephanie Plum, a caçadora de recompensas mais sexy e desastrada de sempre, está de volta num policial-dinamite hilariante!



SORTE EXPLOSIVA



«Recheados de audácia, humor e pura criatividade, os livros de Janet Evanovich são realmente divertidos!»

The Washington Post



TOPSELLER

UM

Nova Jérсия encontrava-se 40 000 pés abaixo de mim, ocultada por uma camada de nuvens. Por cima, para lá da fina pele do avião, estava o céu. E o inferno ia sentado umas quatro filas atrás do meu lugar. Está bem, talvez «inferno» seja um termo demasiado forte. Talvez fosse apenas o purgatório.

Chamo-me Stephanie Plum e trabalho como caçadora de recompensas para a Agência de Fianças de Vincent Plum, sediada em Trenton, no estado de Nova Jérсия. Recentemente, um morto tinha-me deixado *vouchers* de uma companhia aérea e eu usara-os para gozar a oportunidade única de fazer umas férias no Havai. Infelizmente, as férias não tinham corrido conforme eu planeara, e vira-me forçada a deixar a ilha antes do tempo, como um ladrão a escapulir-se pela calada da noite. Abandonara dois homens zangados em Honolulu, telefonara à minha amiga Lula e pedira-lhe que fosse buscar-me ao aeroporto de Newark.

Como se a minha vida não estivesse já suficientemente estragada, encontrava-me no avião, de regresso a casa, sentada quatro

filas à frente de um tipo que parecia o Abominável Homem das Neves e ressonava como um urso numa caverna. Ainda bem que eu não ia ao lado dele, caso contrário já teria aproveitado para o estrangular enquanto dormia. Eu estava a usar auriculares fornecidos pela companhia aérea e tinha o volume no máximo, mas isso não estava a ajudar. Ele começara a ressonar algures sobre Denver e a coisa tinha ficado mesmo complicada enquanto sobrevoávamos Kansas City. Depois de comentários bem sonoros de vários passageiros, sugerindo que alguém tivesse a iniciativa de sufocar o tipo, as assistentes de bordo confiscaram todas as almofadas e começaram a distribuir bebidas alcoólicas gratuitas. Como resultado, três quartos dos passageiros do avião estavam agora terrivelmente bêbedos e o quarto remanescente, ou era menor de idade, ou tomara medicação alternativa. Dois dos menores berravam a plenos pulmões e eu tinha quase a certeza de que o puto atrás de mim tinha sujado as calças.

Um dos embriagados era eu. Não sabia como iria sair do avião e avançar pelo terminal mantendo alguma espécie de dignidade, e esperava que a minha boleia estivesse à minha espera.

O Abominável soltou um ronco ainda mais ruidoso e eu rangi os dentes. *Aterrem a porcaria do avião, pensei. Aterrem-no num campo de milho, numa autoestrada, no meio do oceano. Mas deixem-me sair daqui!*

* * *

A Lula entrou no parque de estacionamento do meu prédio e eu agradeci-lhe a boleia do aeroporto até casa.

— Sem stress — disse ela, deixando-me junto à porta das traseiras do átrio. — Não estava a dar nada de jeito na televisão e, como de momento estou solteira, não perdi nada de especial.

Acenei-lhe enquanto ela se ia embora e entrei no prédio. Apaguei o elevador para o primeiro andar, arrastei a bagagem pelo corredor até entrar em casa, e cambaleei até ao quarto.

Passava da meia-noite e estava exausta. As minhas férias no Havai tinham sido *excepcionais* e o voo de regresso fora infernal, com turbulência por cima do Pacífico, um transbordo em Los Angeles e o tipo a ressonar. Fechei os olhos e tentei acalmar-me. No dia seguinte voltava ao trabalho mas, naquele momento, tinha uma escolha a fazer. Não me restavam roupas limpas. Isso implicava que podia ser uma desavergonhada e dormir nua, ou uma desleixada que se deitaria com as roupas que tinha no corpo.

A verdade é que não me sinto completamente à vontade a dormir nua. Faço-o de vez em quando, mas receio que Deus possa estar a ver, ou que a minha mãe venha a descobrir, e tenho praticamente a certeza de que ambos são da opinião de que as meninas bem-comportadas se deitam de pijama.

Neste caso, ser desleixada requeria menos esforço, e foi por isso que eu me decidi.

Infelizmente, tive de enfrentar o mesmo dilema de indumentária quando me arranquei à cama na manhã seguinte, pelo que despejei a mala de viagem no cesto da roupa suja, agarrei na bolsa a tiracolo que me serve de carteira e encaminhei-me para casa dos meus pais. Podia usar a máquina de lavar e secar da minha mãe e parecia-me que tinha umas quantas peças de roupa para emergências no quarto de hóspedes deles. Para mais, eles tinham ficado a tomar conta do meu hamster, o *Rex*, durante as minhas férias, e eu queria ir buscá-lo.

Vivo num apartamento que tem um quarto e uma casa de banho, num prédio envelhecido de três andares e com fachada de tijolo, localizado no limite de Trenton. Num dia bom, sem trânsito, às quatro da manhã demoro uns dez minutos a chegar

a casa dos meus pais ou ao gabinete da agência de fianças. Em qualquer outra altura, é um tiro no escuro.

A minha avó Mazur estava à porta quando encostei o carro ao passeio e o estacionei. Ela vivia com os meus pais desde que o meu avô apanhara a grande escada rolante para a divina zona de restauração dos céus. Por vezes penso que o meu pai não se importaria de a ver subir pela mesma escada rolante, mas parece-me que isso não acontecerá tão cedo. Ela tinha o cabelo — cinzento como aço — encaracolado e muito curto, as unhas pintadas do mesmo vermelho-vivo que punha nos lábios, e o seu fato de treino lilás e branco pendia-lhe, largo, dos ombros ossudos.

— Mas que bela surpresa — disse-me, abrindo a porta. — Bem-vinda. Estamos ansiosos por saber tudo sobre as férias com o jeitoso.

A casa dos meus pais é um duplex modesto, que partilha uma parede com uma residência idêntica. É a Sr.^a Ciak quem ocupa a outra metade. Desde que o marido faleceu, ela passa os dias a fazer bolos de café e a ver televisão. A fachada do lado dela está pintada de verde-pálido, enquanto o exterior da casa dos meus pais é amarelo-mostarda e castanho. Não é uma combinação atrativa, mas eu acho-a tranquilizadora, pois não me lembro de que alguma vez tenha sido diferente. Cada uma das casas tem um jardim minúsculo e um pequeno alpendre à frente, uma rampa nas traseiras que dá acesso a um pátio estreito, e uma garagem isolada com espaço para um carro.

Arrastei o cesto da roupa suja pela sala de estar e pela sala de jantar, até chegar à cozinha, onde a minha mãe estava a cortar legumes.

— Sopa? — perguntei-lhe.

— *Minestrone*. Queres jantar cá?

— Não posso. Tenho coisas combinadas.

A minha mãe olhou de relance para o cesto da roupa.

— Acabei de pôr lençóis a lavar na máquina. Se deixares isso aí, trato da tua roupa depois. Como foi o Havai? Só contávamos que chegasses amanhã.

— O Havai foi bom, mas a viagem de avião foi muito demorada. Felizmente, vinha sentada ao lado de um tipo que saiu no transbordo em Los Angeles, por isso fiquei com mais espaço.

— Pois, mas também vinhas ao lado do Sr. Alto, Moreno e Elegante — interveio a minha avó.

— Não foi bem assim.

Aquilo chamou-lhes a atenção.

— Então?

— É complicado. Ele não voltou comigo.

A minha avó fitou-me a mão esquerda.

— Estás bronzizada, exceto no dedo anelar. Parece que estavas a usar uma aliança quando te bronzeaste, mas agora já não a tens.

Olhei para a mão. Caramba. Ao tirar o anel, não reparara na marca.

— Agora já sei porque foste ao Havai — continuou a minha avó. — Aposto que fugiste para te casares em segredo! Claro que o facto de já não teres a aliança deve moderar a celebração.

Soltei um suspiro, servi-me de uma chávena de café e ouvi o meu telemóvel a tocar. Revirei a mala, sem conseguir encontrar o telefone no meio do emaranhado de coisas que tinha enfiado ali antes do voo. Despejei tudo em cima da pequena mesa de cozinha e fui mexendo nas coisas: barras de cereais, escova, batom para o cíeiro, ganchos para o cabelo, bloco de notas, carteira, meias, duas revistas, um envelope grande e amarelo, fio dental, minilanterna, pacote de lenços de viagem, três canetas e o telemóvel.

O telefonema era da Connie Rosolli, a gerente da agência de fianças.

— Espero que estejas a caminho — disse-me —, porque temos aqui um problema.

— Que tipo de problema?

— Um problema complicado.

— Quão complicado? Pode esperar vinte minutos?

— Vinte minutos parece demasiado tempo.

Desliguei e levantei-me.

— Tenho de ir — anunciei.

— Mas ainda agora chegaste — protestou a minha avó. — Nem sequer nos contaste como foi esse casamento clandestino.

— Não houve nenhum casamento clandestino.

Voltei a meter tudo, exceto o telemóvel e o envelope, dentro da bolsa que usava a tiracolo. Guardei o telemóvel num bolso exterior e olhei para o envelope. Não tinha nada escrito. Estava selado. Eu não fazia ideia de como fora ali parar. Abri-o e tirei de dentro uma fotografia. Era um instantâneo de vinte centímetros de altura por vinte e cinco de largura, que mostrava um homem na esquina de uma rua a olhar para um ponto para além do fotógrafo. Parecia não ter noção de estar a ser fotografado, como se alguém tivesse aparecido com um telemóvel com câmara e lhe tivesse tirado aquela foto. Estaria a meio dos trinta anos, talvez no início dos quarenta, e era bonito, com um ar muito atinado. Tinha cabelo castanho e curto. A pele clara. Usava fato escuro. Não reconheci nem a esquina nem o homem. Devia ter agarrado no envelope por engano, algures ao longo da viagem para casa. Talvez ao parar no quiosque dos jornais do aeroporto.

— Quem é esse? — perguntou a minha avó.

— Não sei. Calculo que tenha vindo agarrado a alguma revista.

— Até é giro. Há algum nome no verso?

— Não. Nada.

— Que pena — replicou ela. — É jeitoso, e eu bem gostava de arranjar um homem mais novo.

A minha mãe olhou para o aparador onde tinha o *whisky*. Depois viu as horas e desistiu da ideia, com um pequeno suspiro triste. Era demasiado cedo.

Deitei o envelope e a fotografia para o lixo, emborquei o café, tirei um *bagel* do saco que estava na bancada da cozinha e corri até ao andar de cima para mudar de roupa.

Vinte minutos depois, estava no gabinete da agência de fianças. Sirvo-me do termo *gabinete* com uma certa liberdade, já que estávamos a operar a partir de uma autocaravana convertida, estacionada na Hamilton Avenue, mesmo à frente do estaleiro de obras de um novo escritório de tijolo e cimento. A nova construção tornara-se necessária devido a um incêndio de origem suspeita, que destruíra o edifício original por completo.

O meu primo Vinnie tinha comprado a autocaravana a uma amiga minha e, ainda que não fosse perfeita, sempre era melhor do que instalarmos o estaminé na zona de restauração do centro comercial. O carro da Connie encontrava-se estacionado atrás da autocaravana, e o Vinnie deixara o seu atrás do dela.

O meu primo é um bom caçador de recompensas, mas é uma chaga para a minha família. No passado, dedicou-se ao jogo, foi um mulherengo e um vigarista, e tenho praticamente a certeza de que teve um encontro romântico com um pato. Parece uma doninha de sapatos de biqueira pontiaguda e calças demasiado apertadas. O sogro dele, Harry, o *Martelo*, é, para todos os efeitos, quem manda na agência e, na sequência de recentes acontecimentos escandalosos, que incluíram dinheiro desviado, apostas e prostituição, agora é a mulher do Vinnie, a Lucille, quem manda nele.

Estacionei o *Toyota RAV4* atrás do *Cadillac* do Vinnie, e observei a cena à minha frente. A estrutura de betão do novo escritório da agência estava acabada. O telhado estava pronto. Lá dentro, trabalhadores martelavam e usavam ferramentas elétricas. Desviei o olhar da construção para a autocaravana, onde se via luz a sair pelas persianas cerradas. Tudo parecia estar na mesma.

Abri a porta da autocaravana e subi os três degraus que davam acesso à cabina e ao resto do espaço. A Connie estava à mesa da pequena cozinha, com a carteira pousada a seu lado no banco. Tinha o portátil fechado.

Ela é uns dois anos mais velha do que eu, e a sua pontaria é muito melhor do que a minha. Estava a usar uma camisola magenta com um profundo decote em V, revelando muito mais do que eu alguma vez poderia esperar vir a ter. Tinha esticado o cabelo recentemente, e prendera-o num carrapito esgrouviado no alto da cabeça. Estava a usar uns grandes brincos de ouro e um colar a condizer.

Levantou-se assim que me viu.

— Vou à baixa, ao tribunal — disse-me. — Preciso de pagar a caução do Vinnie. Foi preso e não deixam que seja ele a responsabilizar-se pela sua própria fiança.

Oh, caramba.

— O que foi desta vez?

— Teve um desentendimento com o DeAngelo e bateu-lhe no *Mercedes* com uma chave de porcas para pneus. O DeAngelo disparou uns quantos tiros contra o *Cadillac* do Vinnie, o Vinnie atingiu-o com um *taser*, e foi então que a polícia apareceu e os arrastou aos dois para a cadeia.

O Salvatore DeAngelo era o empreiteiro que o Harry contratara para reconstruir o escritório depois de este ter ficado reduzido a cinzas. O DeAngelo era precedido pela fama de ser um em-

preiteiro infernal, pois fazia tudo à *sua* maneira, não fazia *nada* sem um suborno e trabalhava segundo o «Horário DeAngelo», que não tinha nada a ver com uma semana de trabalho a sério.

— Bem, pelo menos não é nada grave — comentei.

— Pois, mas se o DeAngelo pagar a caução antes do Vinnie, ainda volta e incendeia a autocaravana.

— Achas que ele era capaz disso? — perguntei-lhe.

— É difícil prever o que o DeAngelo é capaz de fazer. Foi por isso que eu não quis sair daqui até que chegasses para ficares de guarda. — A Connie passou-me a chave do cofre das armas.

— Se calhar é boa ideia escolheres uma e ficares com ela a jeito.

— Queres que lhe dê um tiro?

— Só se for preciso — replicou ela, com os sapatos de cunha de cortiça de dez centímetros de altura a estrondearem enquanto descia os degraus. — Não demoro. E os ficheiros em cima da mesa são para ti. São as não-comparências em tribunal que chegaram enquanto estavas de férias.

Oh, fantástico, a minha missão era tomar conta de uma autocaravana que podia incendiar-se a qualquer altura. Por outro lado, o Vinnie era meu primo e meu empregador. E, sem a autocaravana, teríamos de arrendar um espaço na loja de livros eróticos ou de trabalhar a partir do *Hyundai* da Connie. Ainda assim, tudo isso não implicava que eu estivesse disposta a ficar estorricada para proteger o gabinete improvisado do Vinnie.

Levei os ficheiros de Faltas a Audiências lá para fora, tirei uma cadeira de jardim do compartimento de armazenamento que existe debaixo da autocaravana e coloquei a cadeira à sombra. Desta maneira, poderia esquivar-me a um cocktail molotov e não ficar no meio de um inferno em chamas.

Sentei-me na cadeira e fui folheando os ficheiros. Roubo por esticção, assalto à mão armada, violência doméstica, furto, frau-

de com cartão de crédito, agressão, outro assalto à mão armada. Desejei estar outra vez no Havai. Fechei os olhos e inspirei um pouco, em busca do cheiro do mar, mas obtive, em vez disso, fumo de escape e um fedor que provinha do contentor das obras.

Um carro abrandou e parou atrás do meu RAV4, e dois homens saíram. Um deles era o Salvatore DeAngelo, um tipo baixo e barrigudo, com muito cabelo preto ondulado a ficar grisalho. Vestia umas calças pretas vincadas e uma camisa de seda de mangas curtas, e ostentava uma corrente de ouro bem grossa enfiada num emaranhado de pelos do peito que pareciam ligeiramente tisonados... sem dúvida por causa da quantidade de *volts* que o Vinnie tinha descarregado nele.

O DeAngelo gingou até perto de mim e meteu as mãos nos bolsos, fazendo os trocos tilintar.

— Olá, giraça — cumprimentou-me. — Que se passa? Há algum motivo para estares sentada cá fora? Tipo, andas à procura de negócios de rua? Porque eu sou capaz de ter uma proposta para te fazer, se é que me faço entender.

Eu estava a pensar que o Vinnie tinha feito bem em atingi-lo com o *taser*.

— Estou só a fazer o meu trabalho — retorqui. — Devo alvejar-te se tentares pegar fogo à caravana.

— Não estou a ver arma nenhuma.

— Está escondida.

— Acredito mesmo nisso — disse ele. — Avisa-me se mudares de ideias quanto à minha proposta. E dá-me algum crédito, eu não atiro bombas incendiárias em plena luz do dia. Faço essas merdas à noite, quando não há ninguém por perto.

O DeAngelo virou-se e dirigiu-se para o edifício semiacabado da agência de fianças, pelo que eu voltei a concentrar-me nos ficheiros.

O nome no último ficheiro da pilha surpreendeu-me: Joyce Barnhardt. Alegadamente, tinha roubado um colar de uma joalharia na baixa e agredira o proprietário quando este tentara recuperá-lo. O Vinnie tinha-a tirado da prisão e ela não comparecera na audiência do tribunal três dias depois.

Eu tinha feito a escolaridade toda com a Joyce e ela tinha-me infernizado a vida. Era uma miúda rude, traiçoeira e má, que se transformara numa adulta interesseira, sem escrúpulos, devoradora de homens. Em várias ocasiões, tinha tentado trabalhar para o Vinnie, a desempenhar várias tarefas, mas nenhum dos empregos durara. A verdade era que a Joyce ganhava dinheiro através de casamentos em série e, da última vez que eu tivera notícias suas, ela estava muito bem. Custava-me a acreditar que tivesse roubado um colar. Não me custava a acreditar que tivesse agredido o proprietário da loja.

DOIS

O *Firebird* vermelho da Lula parou à frente da autocaravana e em seguida ela saiu do lugar do condutor e caminhou até onde eu estava. Tinha o cabelo pintado de cor-de-rosa e apanhado num puxo volumoso que contrastava surpreendentemente bem com a sua pele escura; quanto ao corpo, estava minimamente contido por uma saia de elastano cor de laranja e um *top* branco bem decotado. Ex-prostituta, a Lula deixou as esquinas para trabalhar como secretária do Vinnie.

— Estás a tentar apanhar sol aqui fora? — perguntou-me. — Não tiveste que chegue no Havai?

Contei-lhe o que acontecera entre o Vinnie e o DeAngelo e que estava de guarda à autocaravana.

— Seja como for, é uma carripana velha — comentou a Lula.

— Que planos tens para hoje? — perguntei-lhe. — Vais arquivar?

— Nem penses, não me vou enfiar naquela armadilha mortal. Vou mas é apanhar uns maus contigo. — Olhou para os fi-

cheiros que eu tinha no colo. — De quem é que vamos tratar primeiro? Chegou alguma coisa divertida?

— Joyce Barnhardt.

— Repete lá isso!

— Roubou um colar e agrediu o dono da loja.

— Detesto a Joyce Barnhardt — declarou a Lula. — Ela é cruel. Chamou-me gorda. Dá para imaginar?

Não era que a Lula fosse mesmo gorda. Era mais uma questão de ser demasiado baixa para o peso que tinha. Ou talvez houvesse um excesso de Lula, e nem sempre o tecido fosse suficiente.

— Tinha pensado deixar a Joyce para o fim — disse-lhe eu. — Não estou desejosa de lhe bater à porta.

O *Hyundai* da Connie avançou rua abaixo, inverteu a marcha e estacionou atrás da autocaravana. A Connie e o Vinnie saíram do carro e aproximaram-se de mim.

— O DeAngelo está por aqui? — quis saber o Vinnie.

— Sim — respondi. — Está dentro do edifício.

Ele rezingou, imitando tão bem quanto conseguia um texugo louco e encurralado, de garras à mostra.

— Credo — exclamou a Lula.

— Podemos entrar na caravana — disse eu ao Vinnie. — O DeAngelo só faz explodir coisas à noite.

Por um momento mantivemo-nos todos ali fora a olhar para a caravana, sem termos a certeza de acreditar naquilo.

— Que se lixe — acabou o Vinnie por dizer. — Seja como for, a minha vida já está uma merda.

E desapareceu no interior da autocaravana.

— O que é isto da Joyce? — perguntei à Connie. — Roubou mesmo um colar?

Ela encolheu os ombros.

— Não sei, mas isso anda a ficar esquisito. O Frank Korda, o proprietário do estabelecimento que apresentou queixa, foi dado como desaparecido.

— Quando é que desapareceu?

— Horas depois, no mesmo dia. O pessoal do cabeleireiro do outro lado da rua lembra-se de ter visto o sinal de FECHADO na porta da ourivesaria por volta das quatro da tarde. A mulher do Korda diz que ele não apareceu em casa.

— E a Joyce?

— O Vinnie pagou-lhe a caução assim que ela foi detida. Devia ter-se apresentado em tribunal três dias depois, mas não o fez.

— Aposto que a Joyce o raptou — disse a Lula. — Ela seria capaz disso. Aposto que o tem acorrentado na cave.

— Não seria a primeira vez que a Joyce acorrentava um homem — comentou a Connie —, mas não me parece que o tenha na cave. Não atende o telefone. E passei de carro pela casa dela ontem à noite. As luzes estavam todas apagadas.

— C'um caraças — espantou-se a Lula, de olhar fixo na minha mão esquerda. — Tens uma faixa branca no dedo, que não ficou bronzeada. Não reparei nisso ontem à noite, quando te fui buscar ao aeroporto. Mas que raio fizeste tu no Havai? E onde é que está a aliança?

Esforcei-me por não fazer uma careta.

— É complicado.

— Pois — disse ela. — Foi o que disseste ontem. Ainda não paraste de dizer que foi *complicado*.

A Connie examinou-me a mão esquerda.

— Casaste-te no Havai?

— Não propriamente.

— Como é que podes não te ter propriamente casado? — quis saber a Lula. — Uma pessoa ou se casa ou não se casa!

Agitei os braços e fechei os olhos com força.

— Não quero falar disso agora, está bem? É *complicado!*

— Desculpa lá — empertigou-se a Lula. — Estava só a fazer um comentário. Não queres falar disso? Tudo bem. Não fales. Até parece que tem alguma importância sermos a melhor amiga uma da outra. Somos como irmãs, mas está bem, eu não me chateio se houver alguma coisa que não queiras contar-me.

— Ainda bem — repliquei —, porque não quero mesmo falar sobre isso.

— Hã — resmungou ela.

Do interior da caravana, o Vinnie chamou a Connie aos berros:

— O telefone está a tocar! Atende a porra do telefone!

— Atende *tu!* — ripostou a Connie.

— Eu não trato dos telefones.

A Connie fez um gesto italiano com uma mão na direção da autocaravana.

— Idiota.

— Acho que a gente devia fazer qualquer coisa — disse a Lula, depois de a Connie ter ido atender a chamada. — Que mais tens aí?

Folhee a minha pilha de faltosos.

— Dois assaltos à mão armada.

— Passa à frente. Acabam sempre por disparar contra nós.

— Violência doméstica.

— Demasiado deprimente — disse ela. — Que mais tens?

— Um roubo por esticção e uma fraude com cartão de crédito.

— Isso da fraude soa-me bem. Nunca têm lá muita garra. São sempre uns fuinhas manhosos, nada mais. Limitam-se a passar o dia em casa a fazer compras na Internet. Como é que se chama esse otário?

— Lahonka Goudge.

— Lahonka Goudge? Mas que nome é esse? Só pode estar errado. Que nome horrível.

— É o que diz aqui. É uma mulher e vive num apartamento de habitação social.

Quarenta minutos depois, estávamos no carro da Lula, a avançar por entre as ruas de um bairro social, em busca do apartamento da Lahonka. A manhã ia a meio e as ruas estavam tranquilas. Os miúdos tinham ido para a escola ou para a creche, as prostitutas estavam a dormir e os traficantes de droga começavam a reunir-se em parques e pátios de recreio.

— Ali está — disse eu à Lula. — Ela mora no 3145A. É o apartamento do rés do chão, aquele que tem os brinquedos no pátio.

A Lula estacionou e encaminhámo-nos para a porta, contornando bicicletas, bonecas, bolas de futebol e grandes camiões de plástico. Levantei a mão para bater à porta, esta abriu-se e uma mulher fitou-nos. Era da minha altura, tinha um corpo em forma de pera e estava vestida com umas calças elásticas castanhas e um *top* de alças verde-elétrico. Tinha o cabelo espetado como se o tivesse encharcado em goma e esticado com ferros, e usava umas argolas enormes que lhe pendiam das orelhas.

— O que é que vocês querem? — perguntou. — Eu não preciso de nada. Tenho ar de quem precisa de alguma coisa? Não me parece. E não toquem nas merdas dos meus filhos, senão atijo-vos o cão.

E fechou a porta com estrondo.

— Tem personalidade de Lahonka — decretou a Lula. — Até parece uma Lahonka.

Bati de novo à porta e a mulher voltou a abri-la.

— O que é? — perguntou-nos. — Já vos disse que não quero nada. Tenho um negócio a manter aqui. Sou uma mulher tra-

balhadora e não vou comprar bolachas, cremes hidratantes, detergente para a roupa ou joias. Se tivessem erva da boa, talvez, mas vocês não têm pinta de vendedoras de erva.

Ela tentou fechar a porta de novo, mas eu tinha o pé a travá-la.

— Lahonka Goudge? — procurei confirmar.

— Sim, e depois?

— Represento o seu agente de fiança. A senhora não compareceu a uma audiência em tribunal e precisamos de fazer uma nova marcação.

— Não me parece — replicou ela. — Enganaram-se na Lahonka. E mesmo que tivessem acertado na Lahonka que procuram, eu não ia convosco, pois tenho coisas para fazer. Tenho uma data de filhos que precisam de ténis novos e por causa de vocês estou a perder o período de maior rendimento. Estou a participar nuns leilões do eBay e a fazer umas compras vantajosas noutros sites.

A Lula encostou-se à porta e fez força para a abrir por completo.

— Não temos o dia todo — avisou-a. — Temos uma forna-da inteira de idiotas para levar até à esquadra e eu tenho um almoço marcado com um senhor chamado *Clucky Burger Deluxe*.

— Ai sim? — ripostou a Lahonka. — Bem, toma lá um hambúrguer destes.

E empurrou a Lula com as duas mãos, com tanta força que ela recuou cerca de meio metro e veio contra mim. Desequili-brei-me, e acabámos as duas de rabo no chão. A porta fechou-se com estrondo, ouvimos os ferrolhos de segurança a deslizarem e vimos o estore da janela da frente a descer.

— É provável que ela não volte a abrir-te a porta — comentou a Lula.

Concordei. Realmente isso não devia acontecer.

A Lula levantou-se e deu um jeito às maminhas.

— É demasiado cedo para almoçarmos?

Olhei para o meu relógio.

— É quase uma da tarde na Gronelândia.

* * *

— Aquela Lahonka apanhou-me de surpresa — disse a Lula, já a acabar o seu segundo *Clucky Burger*. — Eu não estava à espera.

Estávamos a comer no carro da Lula, porque havia um tempo limite de permanência no Cluck-in-a-Bucket. Partículas minúsculas de gordura frita flutuavam no ar como pó mágico de fadas, e uma exposição que superasse os seis minutos deixava qualquer um a cheirar a *Clucky Extra Crispy* durante o resto do dia. Não que fosse um cheiro absolutamente horrível, mas tinha a tendência de atrair matilhas de cães esfaimados e homens grandes e gordos, e eu não estava interessada nem nuns nem nos outros.

Tirei um ficheiro da mala.

— Se calhar, a seguir tentávamos o ladrão do roubo por esticção.

— Não me parece que isso seja um bom plano — disse a Lula. — Quem rouba por esticção corre que se farta. É isso que permite que alguém seja bom nessa atividade. E eu acabei de comer dois hambúrgueres. Vou ficar com câibras se me puser agora a perseguir um lingrinhas de calças largueironas. Não temos nenhum mau que viva perto do centro comercial? O Macy's está a fazer uma promoção de sapatos.

Verifiquei as moradas. Nenhuma ficava perto do centro comercial.

— Sou capaz de precisar de dormir uma sesta, depois de tanto frango — anunciou a Lula.

Uma sesta parecia-me mesmo uma boa ideia. Não dormira grande coisa durante o voo de regresso. Na verdade, não dormira grande coisa durante todo o tempo que passara no Havai, dada toda a atividade noturna. E, naquela noite, ia encontrar-me com o Morelli, e desconfiava que isso não me permitiria dormir muito. Tínhamos coisas a discutir.

O meu passado com o Morelli é longo. Brincávamos às casinhas quando eu tinha seis anos. Libertou-me da virgindade quando eu tinha dezasseis anos. Aos dezanove, atropeliei-o com um *Buick*. E agora que somos ambos mais ou menos adultos, tenho uma espécie de relação com ele... embora me seja muito difícil definir a relação neste momento. Ele é detetive à paisana da esquadra de Trenton, e trabalha na unidade de investigação criminal. Mede um metro e oitenta, tem cabelo ondulado e preto, um corpo esguio e musculado, e uma líbido infinita. Fica lindo como uma estrela de cinema quando veste umas calças de ganga e uma t-shirt. Se usar um fato, parece um assassino a soldo.

— Estamos a falar de passar pelas brasas ou de dormir a tarde inteira? — perguntei à Lula.

— É capaz de ser uma sesta das grandes. E depois, logo à noite, tenho um encontro com um tipo que talvez seja o Sr. Bom Que Chegue. Portanto, vou precisar de algum tempo para tomar umas decisões em frente ao roupeiro.

— Por outras palavras, vemo-nos amanhã de manhã.

— Pois. Chego às oito em ponto, e podemos começar bem cedo.

— Tu nunca chegas tão cedo.

— Bem, vou estar motivada para ser a excelente assistente de uma caçadora de recompensas. Já sinto a inspiração a che-

gar. E vou estar pronta para a ação logo de manhãzinha, depois de uma noite satisfatória de... tu sabes. Que fique ceguinha se não estiver a dizer a verdade.

TRÊS

A Lula deixou-me junto ao meu carro e eu avalei rapidamente a zona que me rodeava. Os trabalhos prosseguiam no edifício novo. A autocaravana não estava a arder. O *Mercedes* do DeAngelo tinha desaparecido e o *Cadillac* do Vinnie continuava ali estacionado. Só coisas boas.

Pensei ir fazer o ponto da situação com a Connie, mas mudei de ideias. Não tinha realizado quaisquer capturas, e uma conversa com o Vinnie poderia incluir muita insistência desagradável em relação a apanhar a Joyce Barnhardt. Eu acabaria por lhe deitar a mão, mas ainda não estava preparada para isso, pelo que me meti no RAV e parti em direção à casa dos meus pais.

Uma hora depois, estava a percorrer o corredor do meu prédio, a acarretar o meu cesto de roupas lavadas, mais a gaiola do hamster. Destranquei a porta de casa, empurrei-a com uma anca e cambaleei até à cozinha, de braços cheios. Pousei o cesto no chão e a gaiola do hamster na bancada da cozinha.

— Pronto, já estás outra vez em casa — disse ao *Rex*. — Divertiste-te com a avozinha?

O *Rex* tinha saído da lata de sopa que lhe servia de casa e parecia querer uma guloseima, pelo que tirei a caixa de biscoitos do armário e partilhei um com ele.

Alguém bateu à porta, e eu fui abri-la, deixando a corrente de segurança presa. Dois homens de fato cinzento à burocrata esforçavam-se por me ver por aquele espaço estreito. As camisas formais que traziam já tinham perdido a frescura engomada e as gravatas às riscas tinham o nó aligeirado. Ambos estavam a ficar com entradas no cabelo e pareciam ter quarenta e muitos anos. Um deles teria quase um metro e oitenta, enquanto o outro andaria à volta do metro e setenta. Fiquei com a impressão de que deviam gostar de *cheeseburgers* duplos com bacon.

— FBI — disse o mais alto, mostrando-me um distintivo que se apressou a devolver ao bolso. — Podemos entrar?

— Não — respondi.

— Mas somos do FBI.

— Talvez sejam — retorqui —, talvez não. Não percebi o seu nome.

— Lance Lancer. — O grandalhão apontou para o parceiro. — Este é o agente *Sly Slasher*.

— *Lance Lancer* e *Sly Slasher*? Estão a gozar comigo? Não podem ser esses os vossos verdadeiros nomes.*

— Está aqui mesmo, nos nossos distintivos — replicou o Lancer. — Estamos à procura de um envelope que é possível que tenha levantado inadvertidamente.

— Que género de envelope?

* Para além de serem nomes aliterados, prestam-se a trocadilhos, já que *Lancer* quer dizer lanceiro, enquanto *Slasher* tem vários significados, desde pugilista a alguém que ataca com um objeto cortante. [*N. da T.*]

— Grande e amarelo. Continha uma fotografia de um homem que procuramos por suspeita de homicídio.

— Isso não seria competência da polícia local?

— Tratou-se de um homicídio internacional. E incluiu um sequestro. Tem o envelope?

— Não.

E isso era verdade. Desconfiava de que estariam à procura do envelope que eu tinha deitado fora em casa dos meus pais.

— Parece-me que está a mentir-nos — disse o Lancer. — Sabemos de fonte segura que o envelope lhe foi dado.

— Se o encontrar, entrego-o ao FBI — repliquei.

Fechei a porta e tranquei-a, após o que espregueitei pelo ralo. O Lancer e o Slasher continuavam ali, de mãos nas ancas, com um ar ligeiramente chateado, sem saberem o que fazer em seguida.

Fui até à cozinha e marquei o número de telemóvel do Morelli.

— Onde estás? — perguntei-lhe.

— Em casa. Acabei de chegar.

— Preciso que me verifiques dois tipos que dizem que são do FBI. Lance Lancer e Sly Slasher.

— Vou tornar-me alvo de chacota se inserir esses nomes no sistema. Estás a brincar, certo?

— Foram os nomes que me indicaram. Tinham distintivos e tudo.

— Para quando é que precisas disto?

— Para quando é que consegues?

O Morelli resmungou e desligou a chamada.

Imaginei-o a fitar os sapatos, abanando a cabeça e desejando não ter atendido o telefone.

Liguei para casa dos meus pais e foi a minha mãe que atendeu.

— Preciso que me façás um favor — disse-lhe. — Preciso da foto e do envelope que deitei fora quando estive aí na cozinha, hoje de manhã. Mande-os para o lixo.

— A tua avó esvaziou o caixote do lixo logo depois de tu te-res saído. Hoje fizeram a recolha do lixo. Posso ir às traseiras, ver se ficou lá alguma coisa, mas duvido.

Portanto, parecia que eu não ia poder fornecer provas ao FBI.

Por mim, tudo bem. Tinha coisas melhores e mais importantes para fazer, como dormir uma sesta... Descalcei-me e deixei-me cair na cama. Ainda mal tinha fechado os olhos quando a campainha da porta tocou. Obriguei-me a sair da cama, fui descalça até à porta e espreitei pelo ralo. Mais dois homens em fatos cinzentos e baratos.

Entreabri a porta, deixando a corrente de segurança posta.

— O que foi agora? — perguntei.

O tipo que estava mais próximo da porta mostrou-me o distintivo.

— FBI. Gostávamos de falar consigo.

— Nomes?

— Bill Berger; o meu parceiro chama-se Chuck Gooley.

O Bill Berger era magro e de estatura média, e estava no início da casa dos cinquenta. Tinha o cabelo grisalho e aparado curto. Os seus olhos castanhos estavam raiados de sangue. Provavelmente, as lentes de contacto estavam a dar cabo dele. O Chuck era para aí da minha idade. Não sendo gordo, tinha um corpo compacto e era uns centímetros mais baixo do que o Berger. As calças do seu fato estavam bastante amarrotadas na zona da braguilha, e tinha calçados uns ténis muito batidos.

— E qual seria o motivo da conversa? — perguntei.

— Podemos entrar?

— Não.

O Berger levou as mãos às ancas, expondo a arma que tinha no coldre. Não percebi se seria um gesto inconsciente, ou se ele estaria a tentar intimidar-me. Fosse como fosse, eu não ia abrir mais a porta.

— Temos motivos para crer que se encontra na posse de uma fotografia que pertence à investigação de um crime.

O meu telefone tocou e eu pedi licença para o atender.

— Chegaste há menos de vinte e quatro horas e já estás metida numa alhada — disse o Morelli. — Queres contar-me o que se passa?

— Claro, mas agora tenho visitas. Mais agentes do FBI.

— Estão no teu apartamento?

— Não. Estão no patamar da escada.

— É aí que queres que continuem. Tanto quanto sei, os primeiros não eram do FBI. Não há *Lancers* nem *Slashers* na lista de operacionais. Grande surpresa. Então, quem é que tens no patamar, agora?

— Um Bill Berger e um Chuck Gooley.

Seguiu-se um silêncio curto.

— O Berger está no início dos cinquenta e tem o cabelo preto a ficar grisalho, e o Gooley parece que anda com o mesmo fato há duas semanas, certo?

— Sim. Devo deixá-los entrar?

— Não. O Gooley come de caixotes do lixo e deita-se com gatos selvagens. Deixa-me falar com o Berger.

Passsei o telemóvel ao Berger. Dois minutos depois, ele devolveu-mo.

— Sabe onde fica a delegação do FBI? — perguntou-me.

— Sei.

— Esperamos lá por si por si amanhã às dez da manhã. Traga a fotografia.

— Não a tenho — respondi.

— Então faça-se acompanhar pelo seu advogado.

Revirei os olhos.

— Devia praticar as suas capacidades de comunicação.

O Berger apertou os lábios.

— Dizem-me muito isso. Sobretudo a minha ex-mulher.

Fechei a porta e voltei à conversa com o Morelli.

— Imagino que o Berger seja do FBI.

— Mais ou menos. Preciso de falar contigo.

— Calculei. Estava a contar ver-te logo à noite.

— Sou capaz de me atrasar.

— Muito? — perguntei.

— É difícil prever. Um tipo dos bairros sociais acabou de levar dezasseis tiros na cabeça.

— Dezasseis tiros na cabeça? Isso parece um exagero.

— O Murray já o viu, diz que parecia queijo suíço. Diz que lhe saíam miolos por todo o lado.

— Demasiada informação.

— É a minha vida — replicou ele. E depois desligou.

Voltei para a cama, mas não parava de pensar em miolos a verterem por buracos de bala. O Morelli era a única pessoa que eu conhecia com um trabalho pior do que o meu. OK, talvez o tipo da morgue que drena fluidos de cadáveres também estivesse na corrida. Seja como for, contra todas as expectativas, o Morelli gostava de fazer parte das forças policiais. Tinha sido um miúdo desmiolado, reagindo a um pai abusador. Mas tornara-se um bom polícia, um proprietário responsável e um excelente pai adotivo para o seu cão, *Bob*. Eu sempre julgara que ele tinha um potencial elevado para ser um bom namorado, até talvez marido, mas o seu emprego era uma intrusão constante, frequentemente desoladora, e não me parecia que isso pudesse

mudar em breve. Para mais, entretanto, tinha surgido aquela questão havaiana.

O outro homem da minha vida, o Ranger, em termos realistas não tinha qualquer potencial para namorado ou marido, mas era um vício difícil de largar. Tinha um corpo como o do *Batman*, um passado sombrio e misterioso, um presente sombrio e misterioso, e um magnetismo animal que me sugava no instante em que eu me aproximava do seu campo de forças. Só se vestia de preto. Só conduzia carros pretos. E quando fazia amor os seus olhos castanhos dilatavam-se a ponto de só se verem as pupilas pretas.

Tudo isto me dava voltas na cabeça... o Morelli, o Ranger, os miolos a verterem. Depois pensei nos tipos do FBI, tanto nos falsos como nos legítimos, e no homem da foto. E nada daquilo contribuía para que adormecesse. Já para não falar no facto de não ter um salário fixo. Se não apanhar aqueles que se baldam às audiências, não ganho dinheiro. E, se não ganhar dinheiro, não consigo pagar a renda. E, se não pagar a renda, tenho de ir morar para o meu carro. E o meu carro não é assim tão bom.

Voltei à cozinha e revi os ficheiros. Pareceu-me que a minha melhor hipótese seria com o ladrão por esticção. Era verdade que quem se dedicava a isso costumava safar-se bem, mas pela foto dava a ideia de que se tratava de um tipo gordo. E eu talvez conseguisse correr mais do que um gordo que não estivesse no seu melhor. Ele chamava-se Lewis Bugkowski, mas dava pela alcunha de *Grande Buggy**. Vinte e três anos. Tinha assaltado uma senhora de oitenta e três, que estava sentada num banco de jardim. Quarenta e cinco minutos depois, fora

* Diminutivo do apelido Bugkowski e termo que tanto quer dizer «carrinho» como «maluco». (N. da T.)

detido ao tentar comprar seis baldes de frango frito com o cartão de crédito da senhora, já que o funcionário do estabelecimento não achava que ele tivesse ar de Betty Bloomberg. Portanto, para além de gordo, parecia que o *Buggy* não era lá muito esperto.

Pensei levar a minha arma, mas optei por deixá-la ficar. Pensava-me muito na mala e deixava-me com câibras no pescoço. Bem, além do mais, a verdade é que nunca uso a arma. Em vez disso, levei o *spray* de gás pimenta e laca para o cabelo. Tinha o telemóvel numa bolsa presa ao cós das calças de ganga e algemas no bolso traseiro. Estava pronta para a ação.

O *Buggy* vivia com os pais, não muito longe do Burg. Isto é sempre um problema, pois detesto apanhar gente à frente dos pais ou dos filhos. Podia tentar encontrá-lo no emprego, mas ele não indicara ter um. Fui de carro até à Broad, virei à esquerda e passei pela casa dos Bugkowski, uma moradia no estilo Cape Cod. Limpa. Um jardim mínimo à frente, bem cuidado. Garagem para um carro. Não havia carros parados no passeio em frente à casa.

Liguei para o telefone do *Buggy*, que atendeu ao fim de dois toques.

— Lewis Bugkowski? — perguntei.

— Sim?

— É o proprietário da casa?

— *Ná*, isso é o meu pai.

— Ele está?

— Não.

— E a sua mãe?

— Estão os dois no emprego. O que quer?

— Estou a efetuar um inquérito sobre a recolha do lixo...

Clique.

Fantástico. Tinha descoberto tudo o que precisava de saber. O *Buggy* estava sozinho em casa. Estacionei em frente à casa vizinha da dos Bugkowski, caminhei até à porta deles e toquei à campainha.

Um tipo enorme abriu a porta. Tinha pelo menos um metro e noventa e cinco, e uns cento e trinta quilos de peso. Estava de calças de fato de treino e com uma t-shirt que poderia abrigar uma família vietnamita de oito pessoas.

— *Iá?* — perguntou.

— Lewis Bugkowski?

Ele mirou-me.

— Isto é por causa do lixo? Fala como a miúda que acabou de ligar.

— Agente de fianças — disse-lhe.

Saquei das algemas e tentei prender-lhe um pulso. Não consegui. As algemas não fechavam. O pulso dele era demasiado largo. O tipo era uma montanha.

Fitei-o com um sorriso sedutor.

— Suponho que não vais querer acompanhar-me até à baixa para te remarcaros a audiência no tribunal?

Os olhos dele estavam fixados na minha bolsa a tiracolo.

— É isso que usas em vez de uma carteira?

Oh-oh.

— Não — respondi. — Isto é só para guardar documentos. Coisas enfadonhas. Deixa-me mostrar-te.

Ele agarrou-me na alça e arrancou-me a bolsa do ombro antes que eu conseguisse encontrar o *spray* de gás pimenta.

— Ei! — insurgi-me. — Devolve-me isso!

Ele fitou-me lá do alto.

— Vai-te embora, se não bato-te.

— Não posso ir-me embora. Tenho a chave do carro na bolsa.

Os olhos dele iluminaram-se.

— Bem que me dava jeito um carro. Tenho fome e não há comida cá em casa.

Atirei-me a ele para recuperar a bolsa, mas ele enxotou-me.

— Dou-te boleia até ao Cluck-in-a-Bucket — ofereci.

Ele fechou a porta e saiu de baixo do alpendre.

— Não preciso de ti. Agora tenho um carro.

Corri atrás dele e agarrei-lhe a parte de trás da t-shirt.

— Socorro! — gritei. — Polícia!

Ele empurrou-me, sentou-se no lugar do condutor, e o carro gemeu sob o seu peso. Deu à chave e arrancou.

— Isso é furto de automóveis, meu amigo! — gritei-lhe. — Estás a meter-te num grande sarilho!

Fiquei a ver o *Buggy* até o meu carro dobrar uma esquina e desaparecer. Hesitei um minuto, mas depois cedi e telefonei ao Ranger.

— Onde estás? — perguntei-lhe.

— Na Rangeman.

A Rangeman era a empresa de segurança de que o Ranger detinha uma parte. Ficava num edifício incomum, no centro de Trenton, que estava cheio de equipamento de alta tecnologia e de homens grandes e muito musculados. O Ranger tinha um apartamento privado no sétimo piso.

— Um parvalhão enorme acaba de me roubar o carro — disse-lhe. — E tem a minha bolsa. E é um faltoso.

— Não há problema. Temos o teu carro no sistema.

O Ranger tem o hábito de me instalar aparelhos de localização nos carros quando eu não estou a ver. Ao início, a invasão de privacidade parecia-me intolerável mas, com o passar dos anos, acabei por me habituar e, por vezes, como nesta ocasião, é uma coisa realmente útil.

— Vou mandar uma pessoa recuperar o teu carro — disse ele. — O que queres que a gente faça com o parvalhão enorme?

— E se o algemarem, enfiarem no assento das traseiras e mo deixarem ao pé da autocaravana das fianças? Eu trato do resto.

— E tu?

— Eu estou bem. A Lula vem buscar-me.

— Tão querida — disse ele, desligando em seguida.

Pronto, menti ao Ranger em relação à Lula. A verdade é que ainda não estava preparada para o ver. Sobretudo porque ele parecia um pouco exasperado. Olhei para o meu dedo anelar desadornado, fiz uma careta e liguei à minha amiga.

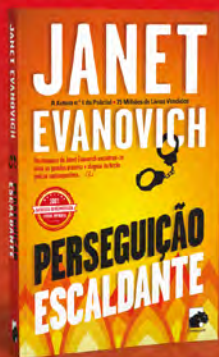
A AUTORA DE POLICIAIS MAIS VENDIDA EM TODO O MUNDO

A vida da caçadora de recompensas mais famosa do mundo corre um risco explosivo neste novo romance de Janet Evanovich. Stephanie Plum acaba de aterrar em Nova Jérсия, depois de umas férias no Havai, que prometiam ser de sonho mas que se haviam transformado num pesadelo, e já tem à perna dois agentes do FBI, um bando de criminosos e um psicopata perigoso. O homem que viajava ao seu lado no avião é assassinado, e tudo aponta para que tenha sido por causa de uma fotografia que ele lhe teria entregado, mas que ela diz não ter na sua posse.

Entretanto, o resto da sua vida continua de pantanas: a agência de fianças vai pelos ares, Lula, a sua amiga e companheira de aventuras, apaixonou-se por um *Shrek*, e todos querem saber o que se passou no Havai. Mas Morelli, o polícia mais sexy de Trenton, não quer falar do que aconteceu. Ranger, o «vício» que ela não consegue largar, também se recusa a falar no tema. E tudo o que a Stephanie tem a dizer sobre as férias no Havai é que... é complicado.

Mais um policial divertido e original de Janet Evanovich, que promete agarrar as suas leitoras a uma história explosiva e cheia de humor!

OUTROS TÍTULOS SENSACIONAIS DA MESMA AUTORA:



Espreite o vídeo deste livro no ecrã de um telemóvel.



TOPSELLER
livros que se devoram

20|20 editora

Ficção/Policial

ISBN 978-989-8626-17-2



9 789898 626172

www.topseller.pt